

RESPOSTA AO COMENTÁRIO AO LIVRO *RESPONSE TO THE COMMENT TO THE BOOK*

“Nos limites da Amazônia Azul – As ilhas de São Pedro e São Paulo + Trindade”
de Antônio Marinho, Roberta Jansen e Simone Marinho *

Editora Casa da Palavra, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Roberta Jansen @

O professor Rui Valka é um dos maiores especialistas do país na ilha de Trindade. Seu conhecimento sobre a inóspita ilha é inegável. Tanto assim que o professor foi citado diversas vezes no livro. Dados retirados de seus trabalhos sobre a ilha foram usados, bem como informações oriundas de entrevistas. Um outro importante especialista na ilha de Trindade é o geólogo Carlos Schaefer, da Universidade de Viçosa, onde coordena o Projeto de Solos e Ecologia Terrestre das Ilhas Oceânicas Brasileiras. Talvez Schaefer não tenha ido à ilha tantas vezes como Valka, mas ele já esteve lá algumas vezes, sem contar as viagens feitas por membros da sua equipe de pesquisa. A grande maioria das críticas do professor Valka está relacionada a informações fornecidas por Schaefer. Gostaria de lembrar que ambos são importantes cientistas e podem ter opiniões diferentes. Vale lembrar que há poucas pessoas estudando a ilha (que fica isolada no meio do oceano e tem apenas 8 km de extensão). Procurei falar com os mais importantes. Vale lembrar também que, pelos mesmos motivos, há poucos estudos sobre a ilha. Muitas coisas são inferidas ou ainda estão sendo debatidas. Por fim, gostaria de lembrar que o livro não tem o intuito de ser uma publicação científica, mas sim uma espécie de reportagem especial sobre a ilha ou diário de bordo de uma viagem jornalística

De toda forma, seguem as respostas aos pontos (entre aspas) contestados pelo professor Valka:

“O naturalista Carl Friedrich Philipp Von Martius nunca visitou a Ilha e nem faz menção a esta em sua obra (p. 69). O que ocorreu foi uma expedição do Museu Nacional à Ilha em 1994-1995, batizada com “Expedição Von Martius” (Alves 1998).” - Sim, de fato. E não está dito isso no livro, mas sim que “há exemplares (de flora) da ilha” em sua coleção.

“Durante nossas últimas estadias andamos pela Ilha toda e não achamos nem vestígios das 5000 mudas de *Colubrina glandulosa* (árvore nativa) que são atribuídas a um único plantador em 2008 (p. 75).” - Conforme está registrado no livro, o capitão de corveta José de Fátima de Oliveira Andrade, que chefiou o Posto Oceanográfico da Ilha de Trindade por duas vezes (a última delas em 2008), comunicou o plantio das 5 mil mudas, o que foi corroborado por vários outros militares presentes.

“Também não encontramos os sensores que medem o nível de água nos solos que constam estar dispostos por toda a Ilha (p. 89).” - A implantação dos sensores que medem o nível de água foi reportada por Carlos Schaefer, geólogo da Universidade de Viçosa e coordenador do Projeto de Solos e Ecologia Terrestre das Ilhas Oceânicas Brasileiras.

“Não se pode afirmar que as samambaias gigantes da Ilha da Trindade são provenientes de Santa Catarina ou do Paraná (p. 83) sem estudos aprofundados e abrangendo materiais oriundos de todo o Brasil (o que não foi publicado até o momento). Na segunda coluna se fala em polinização em samambaias, fenômeno que não ocorre neste grupo de plantas.” - Novamente, essas informações foram passadas por Carlos Schaefer, conforme citado no livro.

@ - Editora assistente de Ciência e Meio Ambiente do jornal “O Globo”. e-mail: betajansen@gmail.com

“O caranguejo terrestre *Johngarthia (Gecarcinus) lagostoma* não precisou de um tronco para chegar (p. 87). Esses caranguejos desovam no mar e as larvas, planctônicas, são dispersas pelas correntes marinhas, dispensando a teoria dos troncos flutuantes atualmente tão aplicada a todo tipo de ser vivo. A espécie é nativa e restrita às Ilhas Oceânicas de Trindade, Martin Vaz, Atol das Rocas, Fernando de Noronha, Ascensão (Hartnol et al. 2006) e Martin Vaz e não ocorre nos continentes.” - O livro não afirma que o caranguejo chegou lá num tronco. Diz, ao contrário, “que não se sabe exatamente como o caranguejo chegou à longínqua e isolada Trindade”. E, em seguida, dá a opinião do professor Schaefer segundo a qual, provavelmente, ele chegou lá “pegando carona em troncos”.

“O período da última atividade vulcânica na Ilha da Trindade ainda é polêmico. Em sua última publicação, a maior autoridade em geologia da Ilha, Fernando de Almeida, afirma que o último vulcanismo ocorreu no Holoceno (ao longo dos últimos 11 mil anos), mas nas publicações anteriores ele sugeria o Pleistoceno (há mais de 11 mil anos) (Almeida 2002; 2006). No livro (p. 90), afirma-se que o último vulcanismo ocorreu há apenas 5000 anos (no meio do Holoceno), mas nenhuma fonte é citada.” - A fonte está citada e é, novamente, o geólogo Carlos Schaefer. A informação, inclusive, está entre aspas.

“Na p. 93, se afirma que os fulguritos, rochas resultantes da fusão de solo pela descarga de relâmpagos, seriam formados pela atração que a areia da Praia do Eme exerce, por ser metálica. De fato, a areia de algumas praias como a do Eme contém magnetita, mas nunca foi achado um fulgurito sequer nessas praias com areia de magnetita. Todos os fulguritos encontrados na Ilha são compostos quase inteiramente de areia carbonática branca (vide Zucolotto et al. 1997) ou oriundos de tufo vulcânico.” - Mais uma vez, as informações são do geólogo Schaefer.